

Charles Lindbergh enfrentou a morte  
com a mesma simplicidade, coragem e dignidade  
que o tornaram um herói internacional

# O último vôo da Águia Solitária

PIERRE BOWMAN

**S**EU ÚLTIMO vôo foi um segredo. Em Nova York, ao saber que o fim estava próximo, Charles Augustus Lindbergh pôs resolutamente o seu plano em ação. Queria morrer no lugar que mais adorava: a ilha de Maui, no Havaí, onde havia construído uma casa para gozar sua aposentadoria.

Assim, oito dias antes de morrer, de câncer, a 26 de agosto de 1974, Lindbergh voou pela última vez. Foi levado de maca para um avião que o conduziria a Honolulu. De lá, tomou um pequeno avião particular até o remoto distrito de Hana, em Maui. Trabalhando com alguns amigos para uma organização internacional chamada Conservação da Natureza, Lindbergh tinha aderido à campanha para proteger o esplendor tropical de Hana, anexando grande parte de sua extensão de terrenos arborizados ao Parque Nacional de Haleakala.

A notícia da morte de Lindbergh, que ocorreu por volta das sete da manhã, só chegou a Honolulu pelo meio-dia, juntamente com a informação de que seu enterro seria realizado numa pequena igreja de Kipahulu dentro de poucas horas. Kipahulu, que fora uma próspera cidade açucareira até o fechamento da usina em 1923, era habitada por apenas uma meia dúzia de rancheiros avessos ao progresso. Foi aí que Lindbergh, sempre cioso de sua intimidade e sossego, pensou gozar a velhice.

Lindbergh passara os últimos dias planejando seu funeral, que fazia questão de ser o mais simples possível. O homem que, em sua época, fora o mais comentado do mundo queria ser enterrado usando suas roupas de trabalho e num caixão construído pelos vizinhos vaqueiros.

Poucas pessoas compareceram à Igreja Congregacional de Palapala

Hoomanu para uma cerimônia fúnebre que não demorou mais de 30 minutos: sua esposa, a escritora e poetisa Anne Morrow Lindbergh, Land, um de seus três filhos, e alguns amigos da região. Um pastor de Hana proferiu a breve série de preces.

Então, o corpo de Lindbergh foi levado para o cemitério da igreja num caixão de eucalipto. Uma canção havaiana — «Ka Lani Kuu Home» (Os anjos o esperam) — foi entoada, e o caixão desceu a uma sepultura especial que o próprio Lindbergh havia projetado nos seus últimos dias em Mauí.

Os amigos e a família de Lindbergh deitaram flores e punhados de terra fértil vermelha sobre o caixão, e um *bulldozer* começou a cobri-lo. A 30 metros dali, bem nos limites do cemitério, havia um abrupto penhasco, de mais de 300 metros, sobranceiro ao oceano. O ruído das ondas lá embaixo sobrepunha o da máquina.

Os operários que cobriam o caixão fizeram uma pausa por alguns momentos, à sombra de uma árvore, para beber uma cervejinha que tiraram de um *isopor*. Esse era um dos toques característicos de Hana, que, sem dúvida, tornaram essa localidade distante tão cara ao famoso Lindbergh.

Na pequena igreja, um vaso de flores típicas da região, colocado sobre um órgão avariado, enchia a atmosfera com seu aroma. As flores haviam sido apanhadas por algum conhecido no jardim de um vizinho.

Mais tarde, o Dr. Milton M. Howell, o único médico de Hana, e que, além de amigo de Lindbergh, o atendera nos seus últimos dias, explicou-me a razão daquele enterro tão simples para um herói de tal quilate. Lindbergh dissera que «amava Mauí e que antes preferia viver um dia ali que um mês em Nova York». A viagem era exaustiva, mas Lindbergh não sentiu nada. Seus últimos dias, segundo o Dr. Howell, o encontraram «lúcido, feliz e entusiasmado».

«Falou-me da diferença que estava observando em sua opinião a respeito da morte», recordou o Dr. Howell. «A diferença entre o presente e os velhos tempos em que era ator ambulante e famoso aviador. Disse que desta vez não sentia nenhum medo ou apreensão. Planejou sua morte. A 'Águia Solitária' preparou esta *viagem* tão cuidadosamente como seu célebre vôo de 1927.»

Esses planos incluíam tanto o simples caixão como o típico tecido havaiano que servia de mortalha. Lindbergh pediu também para ser vestido com as roupas que usava normalmente quando estava em Mauí, o que fazia durante quatro meses por ano. Assim, foi enterrado com calças de algodão e camisa cáqui.

Igualmente solicitou aos amigos que fossem ao enterro vestidos com roupas de trabalho. «Todos respeitamos sua vontade», declarou o Dr. Howell.

Lindbergh desenhou um túmulo muito especial. Tem dois metros e meio de comprimento por três e meio

de fundo, com paredes de pedra de lava e sem reboco, em estilo havaiano. Ao lado do corpo de Lindbergh, há espaço para o de sua mulher.

O túmulo é encimado por pedras *ili'ili*, muito redondas, das que são usadas nas danças de hula. Futuramente, levará uma cabeceira simples. «Lindbergh achava de mau gosto os mausoléus luxuosos», afirma o Dr. Howell.

Este médico recorda que um dos assuntos favoritos de Lindbergh, em seus últimos dias, eram os grandes homens que havia conhecido: inventores, cientistas, aviadores, artistas, líderes políticos — e um bom amigo, Joseph Kahaleuahi, pedreiro de Hana, que foi um dos que levaram o caixão de Lindbergh.

Como os outros residentes de Hana, Kahaleuahi também prestou seu tributo final a Lindbergh, que o encarregara de certos detalhes do túmulo. No dia seguinte à morte de seu amigo, Kahaleuahi deu os retoques finais na sepultura e me confessou: «Ele não era um homem qualquer; era como se fosse um presidente.»

Os olhos de Kahaleuahi brilhavam enquanto falava sobre o último trabalho que fizera para o herói falecido. Disse que havia alterado ligeiramente o local determinado por Lindbergh, para evitar o sacrifício de uma figueira que crescera no lugar. Tinha certeza de que Lindbergh (adepto incondicional da conservação da natureza) teria aprovado a idéia.

A população do lugar guardou absoluto silêncio sobre Lindbergh até sua morte. Os visitantes da re-

gião nunca souberam nada sobre o célebre residente. Depois do falecimento, porém, o carinho permeava as palavras dos residentes, ao admitirem: «Lindbergh era nosso vizinho. Claro que sabíamos quem era. Vivia conosco. Aqui todos se conhecem.»

A criada havaiana do Dr. Howell foi à igreja antes do enterro, colhendo flores tropicais pelo caminho, e com elas prestou sua singela e belíssima homenagem ao herói. Após o enterro, colheu mais flores e preparou inúmeras grinaldas para a cerimônia fúnebre do dia seguinte.

Jon, o filho mais velho de Lindbergh, chegou a tempo da solenidade. Foi para a igreja uma hora mais cedo, a fim de observar as coisas, conversar com os repórteres e pedir-lhes que não importunassem muito sua mãe.

A Sra. Lindbergh, que usava um conjunto azul e branco, dois colares de contas brancas e sandálias cor-de-rosa, chegou à igreja parecendo segura de si. Sentou-se na primeira fila, entre seus filhos Land e Jon. Cerca de 20 amigos completavam o grupo de pessoas que participaram no ato.

As grossas paredes da igreja amorteciam os ruídos que vinham de fora. As ondas que se quebravam contra a amurada de pedra não se ouviam, nem se escutava a brisa soprando entre as árvores, nem o canto dos pássaros. Só o silêncio enchia o ar.

Finalmente, a cerimônia começou, alternando-se entre o estilo de um típico ritual havaiano e o de um congresso internacional de intelectuais.

Houve leitura de passagens da Bíblia, da criação do mundo segundo os hindus, de escritos de Gandhi e até de um poema da autoria de um índio norte-americano. Quatro mulheres da Igreja de Hana acompanharam o ministro Henry Kahula em três canções havaianas. Das velas que queimavam nos pequenos altares subiam espirais de fumaça em direção ao teto.

Então, tudo terminou. Cá fora, a Sra. Lindbergh agradeceu aos repórteres: «Muito obrigada. Vocês fizeram com que ficássemos mais felizes.»

PALAVRAS de tributo a Lindbergh foram ditas em todas as partes do mundo. No aeroporto de Hana, havia uma imensa corbelha de crisântemos e orquídeas oferecida à família Lindbergh. Não parecia muito adequada à dignidade, coragem e simplicidade com que a família, em todos os momentos, tinha enfrentado a sua morte.

O melhor tributo foram as palavras do profeta Isaías, lidas durante a cerimônia: «Aqueles que esperam pelo Senhor terão suas forças renovadas e ganharão asas como as das águias.»



ESTA nota não poderia ser publicada em nenhum jornal da União Soviética, porque a censura oficial desse país proíbe a divulgação de «informações sobre os órgãos da censura soviética que esclareçam o caráter, a organização e os métodos de trabalho». Estes são apenas alguns dos muitos assuntos que não podem ser mencionados na imprensa soviética, segundo uma lista parcial de tópicos proibidos, da qual alguém conseguiu um exemplar em Moscou.

Entre outras, a censura proíbe notícias sobre prisões e campos de concentração, julgamentos de estudantes, atividades da polícia secreta, acusações feitas por estrangeiros ao Estado soviético e medidas tomadas pelos membros do Politburo. Também é proibido noticiar «o número de pessoas analfabetas», «o número de crianças abandonadas» ou «o número de pessoas presas por mendicância ou vadiagem». As más notícias não servem de propaganda; por isso, os desastres de avião não podem ser publicados (a menos que haja estrangeiros entre as vítimas). Inundações, terremotos e outros desastres naturais também passam em branco na imprensa soviética, assim como «o número de incêndios e suas vítimas».

O orgulho nacional é protegido pela proibição de se escrever qualquer coisa a respeito das subvenções econômicas que a União Soviética recebe de outros países. Se um cidadão soviético quiser ouvir sobre esses assuntos em emissoras de rádio estrangeiras, a imprensa local não poderá ajudá-lo. A censura proíbe especificamente «informações sobre a escuta de emissoras de rádio estrangeiras em território da U.R.S.S.».

— Robert G. Kaiser, no *International Herald Tribune*, de Paris